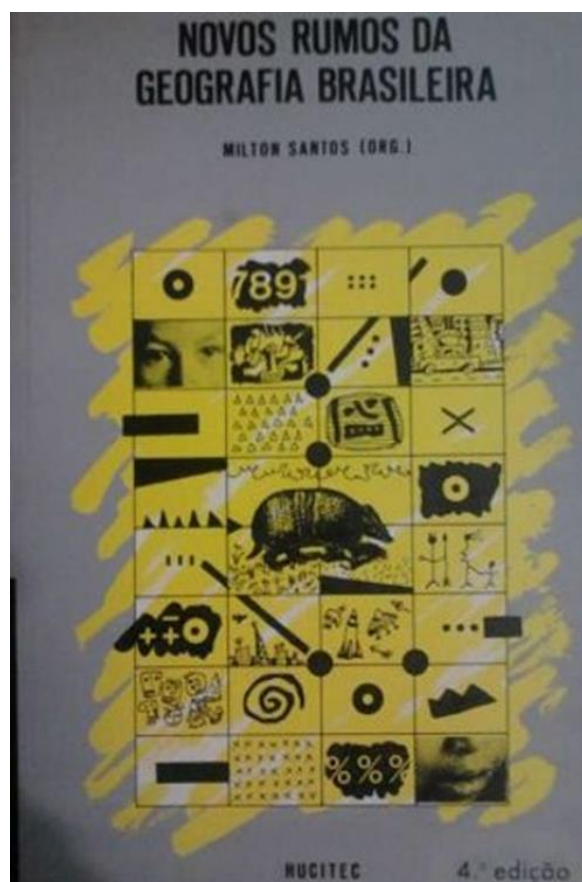


## ESPAÇO E TEMPO

### (Breves notas de uma perspectiva materialista e dialética na Geografia)<sup>1</sup>

Márcio Douglas Brito Amaral<sup>2</sup>  
Marcos Alexandre Pimentel<sup>3</sup>



<sup>1</sup> Recebido em Aprovado pelas editoras em 25/03/2026. Texto Clássico recebido em 12/03/2026. Aprovado pelas editoras 25/03/2026. Publicado em 22/04/2026. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v24i53.71378>

<sup>2</sup> Professor Associado IV do Faculdade de Geografia e Cartografia (FGC) e do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO), do Instituto de Filosofia e Ciências Humana (IFCH) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e pesquisador C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Email: [marcioamaral@ufpa.br](mailto:marcioamaral@ufpa.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6997234298024427>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2094-3044>.

<sup>3</sup> Professor Assistente I da Faculdade de Geografia (FGEO) do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e pesquisador do Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura (OPPA) do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Email: [mpimentel@unifesspa.edu.br](mailto:mpimentel@unifesspa.edu.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3015857856750121>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2891-1864>.

O texto “Espaço e tempo: compreensão materialista e dialética” foi publicado no livro “ Novos Rumos da Geografia Brasileira”, organizado por Milton Santos. Na época de sua publicação original, no início dos anos 1980, o trabalho de Ariovaldo Umbelino de Oliveira<sup>4</sup> fazia parte de um movimento mais amplo de renovação crítica da geografia brasileira que buscava construir um instrumental teórico e metodológico capaz de explicar rigorosamente as relações entre a dinâmica social e a produção espacial, porém, sem cair em esquemas meramente descritivos e/ou comprometidos com a dominação capitalista verificados no *mainstream* da produção acadêmica e de órgãos do Estado, bem como elevando a produção da geografia brasileira à patamares internacionais.

Sua publicação no contexto atual, período em que abundam uma grande diversidade de produções intelectuais de diferentes matizes – desde debates acirrados acerca do antropoceno, do capitaloceno, da emergência climática e de proposições militantes em torno de um “futuro ancestral” e de outras propostas de saída do impasse em que nos encontramos; até as “imaginações geográficas” das produções cinematográficas atuais que sobejam o imaginário da *cultura pop* com filmes sobre distopias do fim do mundo e apocalipses zumbis – ilustra a necessidade fundamental de recuperar referenciais que ajudem a lançar “nova luz” sobre a unidade, a diversidade e a interdependência entre as categorias de tempo e espaço com as quais estruturamos o movimento de produção (teórica e política) de nossas vidas.

De imediato, Oliveira (1988) aponta o caminho que a reflexão deverá seguir, afirmando que por mais que o movimento de renovação da geografia buscasse avançar na direção de construir um pensamento crítico pautado na dialética, ainda faltava, precisar uma compreensão dialética materialista do espaço e do tempo, o que procurou fazer no artigo em questão.

Procura sustentar (e se posicionar criticamente) que não existe uma ciência neutra como o neopositivismo busca defender. Na verdade, no modo capitalista de produção, o saber técnico e a ciência estão a serviço de um “modo capitalista de pensar”, como indica, citando José de Souza Martins, quando afirma não se tratar

---

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Espaço e tempo: compreensão materialista e dialética. In: SANTOS, Milton (Org.). Novos Rumos da Geografia Brasileira. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.

somente do modo como o capitalista pensa, mas sim, do modo de pensar necessário à reprodução capitalista.

Diante dessa concepção burguesa de ciência, Ariovaldo U. de Oliveira busca restituir uma teoria revolucionária do conhecimento, comprometida com a transformação da sociedade que naquele momento histórico significava construir uma via socialista. Para isso, porém, entende ser necessário mostrar os fundamentos e os limites de uma concepção idealista de espaço e de tempo e propor caminhos para sua superação através de uma concepção materialista dialética do espaço, do tempo e da matéria em movimento.

### **As questões da concepção idealista do espaço e do tempo**

Temos então uma luta teórica (e prática) tensionada entre o neopositivismo enquanto filosofia das ciências, a representação mais direta da filosofia burguesa de então, *versus* o socialismo, sua teoria e a dialética materialista como sua orientação teórica e metodológica. Por isso, para Oliveira (1988), era fundamental nesse contexto a formulação de uma crítica profunda às correntes neopositivistas na geografia oficial, o que significou resgatar os fundamentos do debate entre o idealismo e o materialismo no campo da filosofia das ciências. Nesta direção, aponta uma das limitações fundamentais à concepção do espaço e do tempo no interior do(s) idealismo(s) por ele estudado(s), qual seja, a de considerar o espaço e o tempo apenas enquanto *formas subjetivas da percepção humana*, limitação essa que se desdobra em duas outras características também limitadas: a) “a negação da realidade objetiva do espaço e do tempo como forma de existência da matéria”; e b) “a negação da indivisibilidade do espaço e do tempo em relação à matéria em movimento” (Oliveira, 1988, p. 72).

A partir da companhia do pensamento filosófico socialista de então – como Lênin, Fataliev, Sviderski –, Ariovaldo U. de Oliveira (1988) toma cada uma dessas questões em um percurso que lhe permite transitar de Copérnico, Giordano Bruno, Galileu, Newton passando por Berkeley, Leibniz, até Kant e Hegel, a fim de mostrar como se deu a construção do que denomina de pensamento idealista moderno, destacando como cada um desses filósofos compreendeu à sua maneira os fundamentos de suas concepções do tempo, do espaço e da matéria.

Nesse sentido, a questão passa a ser a de pensar as expressões das limitações gerais desse pensamento sob o modo capitalista de pensar, o que leva o autor a destacar debates importantes para avançar nessa compreensão, tais como a da *objetividade do espaço e do tempo*; a da *definição do espaço enquanto extensão*; o espaço como a *ordem, princípio e lei da coexistência dos fenômenos*; do *tempo como duração*; como a *lei de mutação dos fenômenos*; a *questão da infinitude do espaço e do tempo*; e a das *continuidades e discontinuidades entre o tempo e o espaço*.

Apoiado em Sviderski, observa que ao longo desse processo, a objetividade do espaço e do tempo foi concebida em termos absolutos, isto é, como independência total dessas duas categorias em relação aos processos mecânicos. Ao lado dessa questão, aponta que a essência do espaço e do tempo foi pensada a partir da ideia de absoluto pelas concepções físicas do movimento mecânico, concebendo a propriedade intrínseca do espaço, a extensão, e a do tempo, a duração. Destaca ainda a contribuição de Leibniz, para quem o espaço passou a ser entendido como relação entre coisas, daí o entendimento de que ele, o espaço, é ordem, princípio e lei de coexistência dos fenômenos. Em seguida, a partir da abordagem de Oliveira (1988), não é difícil entrever que da ideia de duração como essência do tempo, deriva-se outro par de concepções (modernas), como a do tempo como lei de mutação dos fenômenos, e a da infinitude do espaço e do tempo, concepções, diga-se de passagem, caras ao nosso presente, na medida em que o aniquilamento da Natureza e de nossas civilizações apontariam, irrevogavelmente, para o fim de nossas experiências de tempo e espaço. Por fim, destaca o tema da continuidade e da discontinuidade do tempo e do espaço como as últimas contribuições das concepções idealistas, observando a análise de Hegel, ao destacar que “o movimento, o espaço e o tempo, são, não só contínuos, mas também descontínuos. O contínuo é concebido como a introdução no espaço e no tempo descontínuos de certas limitações, limites e divisões convencionais” (Oliveira, 1988, p. 90).

E o movimento? É justamente o elemento que fica ausente e/ou separado nessas equações modernas. De um modo geral, são concepções estáticas, “as teorias idealistas, com todos os seus matizes, procuram negar a realidade objetiva da matéria movendo-se no espaço e no tempo” (Oliveira, 1988, p. 72). Perdem-se, dessa maneira, a unidade, a diversidade e a interdependência entre essas noções fundadoras.

## **As questões da concepção materialista dialética do espaço e do tempo**

Ao refletir acerca da concepção materialista dialética de espaço e tempo, Oliveira (1988) entende ser necessário, inevitavelmente, partir de uma concepção materialista da matéria e do movimento ou da “matéria em movimento”. Neste sentido, procura sustentar esse argumento, citando, literalmente, Lênin (1971) ao afirmar que “não há nada no mundo além da matéria em movimento, e a matéria em movimento não pode mover-se de outro modo a não ser no espaço e no tempo (...), as formas reais, objetivas do ser” (Oliveira, 1988, p. 92). Portanto, o espaço e o tempo, são condições fundamentais de ser da matéria em movimento.

Ressalta que antes avançar para o debate da concepção materialista dialética de espaço e tempo, é necessário evidenciar as propriedades gerais, particulares e inerentes à matéria em movimento, isto é, a dialética da mutação/transitoriedade (o surgimento de estados sempre novos, a diversidade) e da conservação/permanência (a coexistência de estados diversos qualitativamente), para em seguida, estabelecer a relação destas com o espaço e o tempo. Trata-se, portanto, de pensar a heterogeneidade dos estados da matéria em movimento e de relacioná-las com as propriedades do espaço e do tempo. Em outras palavras, verificar como se expressam ambos os movimentos (das mudanças e permanências) nas noções de espaço e de tempo.

Enquanto a concepção idealista entende o espaço como extensão ou como ordem, princípio e lei dos fenômenos coexistentes, a visão materialista dialética pensa a essência contraditória do espaço relacionada aos momentos de mutação e estabilidade da matéria em movimento: de um lado, o caráter estrutural do espaço, expresso na “disposição ordenada dos fenômenos”, de outro lado, seu caráter de extensão, entendido como expressão da estabilidade de determinados tipos de relações coexistentes.

Da mesma forma que o espaço, o tempo numa visão materialista dialética deve ser concebido contraditoriamente, como mutação das coisas, mas também como permanência, na medida em que os fenômenos mudam, conservam simultaneamente, o estado de mudança revelado no tempo. Assim, o tempo deve ser entendido tanto como duração, como expressão da mutabilidade, quanto sucessão, expressão das mudanças nos estados dos fenômenos, na transitoriedade dos momentos.

Um ponto central na leitura de mundo de Ariovaldo U. de Oliveira é o compromisso com o futuro e com o novo, portanto, a mutação tem um caráter determinante, mais do que o repouso e a conservação. Neste sentido, por mais que tenha feito uma leitura materialista dialética do espaço e do tempo, destacando no primeiro seu caráter estrutural e de extensão, e no segundo a dinâmica da sucessão e da duração, a opção do autor será pelos elementos reveladores da mudança e do novo: o caráter estrutural no espaço e a sucessão dos momentos no tempo.

Para sustentar ainda mais a ligação orgânica do espaço e do tempo recorre a A. Einstein e sua teoria da relatividade, quando afirma que o tempo flui de forma irregular e muda seu “ritmo”, e que o espaço é heterogêneo, possuindo uma estrutura determinada, a “curvatura”. Assim, propõe a unidade espaço-tempo e sua relação com a velocidade do movimento, de tal forma que o espaço e o tempo não se transformam de modo isolado, mas por meio de uma conexão indissociável de um com o outro, sendo possível, portanto, propor à tridimensionalidade do espaço (comprimento, largura e altura), à unidimensionalidade e irreversibilidade do tempo, que passam a formar, porém, sem aniquilar suas diferenças, a “*diversidade tetradimensional*”.

Ao discutir a problemática da continuidade e da descontinuidade do espaço e do tempo no materialismo histórico e dialético, Ariovaldo U. de Oliveira aponta questões bastante complexas para reflexão. Numa perspectiva, aquela das estruturas espaço-temporais concretas, a noção de continuidade está relacionada a conservação da qualidade do fenômeno, por mais que existam mutações quantitativas, não ocorrem mudanças em sua qualidade, pois ainda permanecem invioláveis, o que encontra ressonância nas propriedades de extensão do espaço e de duração do tempo; já a noção de descontinuidade, pressupõe mudança qualitativa na existência das coisas, dos fenômenos e dos processos, porém, como consequência das mutações quantitativas, o que significa a estrutura do espaço e o fluxo e a sucessão dos momentos do tempo.

De modo conclusivo, o texto de Ariovaldo U. de Oliveira propõe entender o espaço e tempo como *unidade na diversidade*. O tempo é a forma tempo do ser da matéria, seu processo de transformação e passagem que embora se consolide no espaço, deve ser entendida nessa perspectiva de “curso do tempo”. O espaço, como a extensão e a estrutura do ser, também deve ser visto em sua particularidade, expressão do movimento e da transformação da matéria naquilo que se apresenta.

Assim, dialeticamente falando, por mais que o tempo se relacione à transformação, ao vir-a-ser, ao surgimento e ao desaparecimento, deve-se ressaltar que isso não acontece no vazio, mas sim no ser presente, na realidade presente, portanto, as transformações temporais se consolidam nas transformações espaciais, de modo que o espaço e o tempo considerados nesta indissociabilidade revelam, também, a existência do mundo material, da matéria em movimento.

Embora se trate de um artigo situado num contexto político – do embate entre a concepção burguesa e a socialista de mundo – e intelectual – a construção da geografia crítica no Brasil – este é um registro histórico fundamental de uma longa trajetória intelectual de um pesquisador comprometido com a transformação da sociedade, e um trabalho de revisão imprescindível nessa quadra da história em que nos situamos, sobretudo quanto à necessidade de atualização constante das perspectivas teóricas e metodológicas que mobilizamos na coordenação de nosso trabalho permanente, de atualização dos conceitos e categorias com as quais analisamos e transformamos a realidade.